

PLATÃO¹

VII - *Sócrates* - É verdade. Esqueci-me de que conheces a mnemônica. Compreendo que os lacedemônios gostem de ouvir-te, pois não há o que não saibas; valem-se de ti como fazem as crianças com as velhas, para que lhes contem histórias interessantes.

Hípias - É isso mesmo, Sócrates, por Zeus. Ainda recentemente, falei-lhes com grande êxito a respeito das belas ocupações a que os moços devem aplicar-se, acerca do que escrevi um discurso admirável sob muitos aspectos, mas, principalmente, pela escolha dos vocábulos. O tema geral e o começo do discurso é mais ou menos o seguinte: Depois da tomada de Troia, conta-se na minha história que Neoptólemo perguntou a Nestor quais seriam as ocupações mais indicadas para o jovem que almejasse alcançar fama. A seguir, Nestor respondendo lhe dá as mais variadas e acertadas indicações. Foi essa oração que lhes apresentei e que pretendo repetir aqui depois de amanhã na escola de Fidóstrato, além de muitas outras composições dignas de se ouvir. Fui convidado por Éudi-

¹ A tradução de Carlos Alberto Nunes tomou por base textos credenciados do original grego, como as edições de Burnett (Platonis Opera, Oxford, 1892-1906), de Friderici Hermann (Platonis Dialogi, Lipsia, Teubner, 1921-1936), de Hirschigii Platonis Opera, Firmin Didot, 1891) e da Sociéte de Belles Lettres (Paris, 1920 e sgs). O Diálogo *Hípias Maior* (281a - 304e), na edição da EDUFPA estende-se da p. 367 à 403. Ver: PLATÃO. *Critão, Menão, Hípias Maior e outros*. 2. ed. Tradução e introdução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2007. p. 367-403.

co, filho de Apemanto. Vê se compareces também, e leve outras pessoas capazes de julgar o que ouvem.

VIII - *Sócrates* – Farei assim mesmo, Hípias, se Deus quiser. Porém agora responde a uma perguntinha sobre isso mesmo, que em boa hora me fizeste lembrar. Recentemente, meu caro, alguém me pôs em grande apuro, numa discussão em que eu rejeitava determinadas coisas como feias e elogiava outras por serem belas, havendo me perguntado em tom sarcástico, o interlocutor: Qual é o critério, Sócrates, para reconheceres o que é belo e o que é feio? Vejamos, poderás dizer-me o que seja o belo? – Com a ignorância que me é própria, fiquei atrapalhado e não pude encontrar resposta satisfatória. Ao retirar-me da reunião, senti-me irritado e formulei censuras contra mim mesmo, tendo firmado propósito de, na primeira oportunidade, quando encontrasse um dos vossos sábios, ouvi-lo e instruir-me, e depois de bem estudado o assunto, voltar a procurar o meu interlocutor para reiniciarmos nosso debate. E eis que chegaste na hora certa, como já disse. Explica-me com precisão o que é o belo e esforça-te por dar-me resposta tão exata quanto possível, para que eu não me cubra de ridículo com outra derrota. É fora de dúvida que conheces isso muito bem, matéria, aliás, de pequena relevância entre os inúmeros conhecimentos de que dispões.

Hípias – Sim, muito pequena, Sócrates, por Zeus, e carecente de valor, por assim dizer.

Sócrates – Tanto mais facilmente apanharei o assunto, sem que daqui por diante alguém possa contradizer-me.

Hípias – Ninguém o fará; ou teria de ser vulgar e carecente de valor a minha profissão.

Sócrates – Por Hera! Belas palavras, Hípias, no caso de virmos a vencer o homem. Creio que não haverá inconveniente em imitá-lo, para com tuas respostas, preparar minha argumentação e, assim, exercitar-me contigo do melhor modo possível. Tenho alguma prática de formular objeções. Se não te fizer diferença, eu mesmo as apresentarei, para ficar mais firme na matéria.

Hípias – Podes formulá-las. Como já te disse, a questão é muito simples; vou deixar-te em condições de responder a perguntas muito mais difíceis, de forma que ninguém te possa contradizer.

IX - *Sócrates* – Oh! Isso é que é falar bem! Então, principiemos. Já que o mandas, vou colocar-me no lugar do outro, do melhor jeito que puder, e procurar interrogar-te. Se lhe repetisses aquele discurso a que te referiste há pouco, a respeito das belas ocupações, logo que acabasses de falar, antes de mais nada, como é seu costume, ele te interrogaria sobre o belo, mais ou menos nestes termos: Forasteiro de Élide, não é pela justiça que os justos são justos? – Responde, *Hípias*, como se fosse ele que te interrogasse.

Hípias – Diria que é pela justiça.

Sócrates – Então, a justiça é algo real?

Hípias – Perfeitamente.

Sócrates – Assim, pela sabedoria é que os sábios são sábios, como é também pelo bem que todos os bens são bens.

Hípias – Como não?

Sócrates – Logo, todas essas coisas são reais, sem que possam absolutamente deixar de sê-lo.

Hípias – São reais, sem dúvida.

Sócrates – E as coisas belas, não o são apenas por efeito da beleza?

Hípias – Sim, da beleza.

Sócrates – Beleza essa que também existe?

Hípias – Sem dúvida. Mas, afinal, que é o que ele quer?

Sócrates – Então, explica-me, forasteiro, voltaria a falar: que é esse belo?

Hípias – Como assim, *Sócrates*? O autor dessa pergunta deseja saber o que é belo?

Sócrates – Penso que não, Hípias; porém o que seja o belo.

Hípias – E em que consiste a diferença?

Sócrates – Achas que não há diferença?

Hípias – Nenhuma.

Sócrates – É certeza saberes melhor. Mas presta atenção, amigo. Ele não te perguntou o que é belo, porém o que é o belo.

Hípias – Compreendo, bom homem, e vou responder a ele o que seja o belo, de forma que não possa refutar-me. Fica, então, sabendo, Sócrates, para dizer-te toda a verdade, que o belo é uma bela jovem.

Sócrates – Ótimo, Hípias, pelo cão! Respondeste admiravelmente. Sendo assim, no caso de eu lhe falar dessa maneira, terei dado resposta certa à pergunta apresentada, sem que ninguém me possa contraditar?

Hípias – Como poderiam contraditar-te, Sócrates, se não há quem não pense desse modo e todos os que te ouvirem confirmarão que a resposta está certa?

Sócrates – Pois que seja. Mas permite, Hípias, que chame a mim o que acabas de dizer. Meu interlocutor argumentaria mais ou menos nestes termos: Vamos, Sócrates, responde-me: Se existe o belo em si, todas as coisas que denominas belas serão belas por esse fato? Eu, de meu lado, diria que uma bela jovem é bela por efeito do que deixa belas todas as coisas.

Hípias – E acreditas mesmo que ele se atreveria a negar que o belo não é o que disseste, ou que não cairia no ridículo se tentasse fazê-lo?

LIVRO X²

I - O certo, lhe falei, é que também sob muitos aspectos a cidade por nós fundada é a melhor possível, o que afirmo com vistas, principalmente, ao que dissemos a respeito da poesia.

- Que foi? perguntou.

Não aceitar, de maneira alguma, quanto nela for imitação, o que se nos tornou mais do que manifesto, quero crer, depois que distinguimos as diferentes faculdades da alma.

- Como assim?

Para falar-vos à puridade, pois decerto não ireis denunciar-me aos poetas trágicos e aos demais cultivadores da poesia imitativa, o que me parece é que todas essas composições corrompem o claro entendimento dos ouvintes, a menos que estes disponham do antídoto adequado: o conhecimento de sua verdadeira natureza.

- Que queres dizer com isso?

Vou explicar-vos, lhes falei, apesar de opor-se a esse propósito velha afeição a Homero e a reverência que lhe dedico desde criança. O que

² Ver: PLATÃO. *A República*. 3. ed. Tradução de Carlos Alberto Nunes e Introdução de Benedito Nunes. Belém: EDUFPA, 2000. p. 433- 444.

parece é que foi ele o primeiro mestre e o guia de todos esses belos poetas trágicos. Porém não devemos pôr o homem acima da verdade; por isso, vou dizer-vos o que penso.

- Muito bem, arrematou.

- Então, ouve, ou melhor, responde.

- Podes perguntar.

- Imitação, de modo geral, poderás dizer-me o que seja? Eu próprio não faço ideia muito clara do fim a que ela tende.

- E eu é que terei de saber isso?

- Não seria nada de mais, lhe falei; por vezes, pessoas de vista fraca percebem as coisas mais depressa do que as de vista penetrante.

- É certo, respondeu; mas na tua frente não me atreveria a dizer nada, ainda que algo me ocorresse. Vê tu mesmo.

- Não queres que principiemos a investigação seguindo o nosso método? Costumávamos admitir uma ideia única que abrange as diferentes pluralidades a que damos o mesmo nome. Será que me compreendes?

- Compreendo.

- Então, tomemos dessas pluralidades a que quiseres; a seguinte, por exemplo, se estiveres de acordo: leitos há muitos, e também mesas.

- Como não?

- Porém para todos esses móveis só há duas ideias: a ideia do leito e a ideia da mesa.

- Certo.

- Costumamos, também, dizer que os obreiros desses móveis têm em mira a ideia segundo a qual um deles apronta leitos e outros as mesas de que nos servimos, e assim para tudo o mais. Porém a ideia em si mesma, o obreiro não fabrica. Como o poderia?

- Não há jeito.

- E agora: dás também o nome de mestre ao seguinte artesão?

- Qual?

- O que pode fazer tudo quanto faz particularmente cada obreiro.

- Falas de um homem extraordinário e miraculoso!

- Ainda é cedo; daqui a pouco dirás que ele é muito maior. Pois esse mesmo obreiro não é apenas capaz de aprontar todos os móveis, como faz tudo o que nasce da terra, dá forma a todos os seres vivos, a ele próprio e ao que mais houver, além de ser o autor da terra, do céu e dos deuses, e de quanto existe no céu e embaixo da terra, no Hades.

- Referes-te a um sofista admirável, me falou.

- Não acreditas? Perguntei; então, me dize: achas mesmo que não pode haver um artista nessas condições? E em que circunstância tudo isso poderia ser fabricado, e em quais não poderia? Não percebes que tu próprio, de certo modo, serias capaz de criar tudo isso?

- De que jeito? perguntou.

- Não é difícil, lhe falei: a prova pode ser feita a qualquer hora e em pouco tempo, porém muito mais depressa se te resolveres a tomar de um espelho e o levars contigo por toda parte: num abrir e fechar de olhos farás o sol e tudo o que há no céu; num segundo, a terra; rapidamente farás a ti mesmo e os outros animais, os móveis, as plantas e tudo o mais que enumeramos há pouco.

- Não há dúvida, me disse; porém tudo isso não passa de aparência; carece de existência real.

- Ótimo! lhe falei; bateste no que eu queria; mas entre esses obreiros, quero crer, há de estar também incluído o pintor.

- Como não?

- Porém decerto dirás, segundo creio, que ele não faz de verdade tudo o que faz. Mas de certo modo o pintor também faz alguma espécie

de leito. Ou não fará?

- Sim, falou; um leito aparente, ele também.

II - E o carpinteiro? Não afirmaste agora mesmo que ele não constrói a ideia do que dissemos ser o leito, mas apenas um determinado leito?

- Disse, realmente.

- Ora, se ele não faz o que é, não poderá fazer o que tem existência real, senão apenas o que parece existir, sem de fato, existir. E se alguém se abalançasse a afirmar que o trabalho do carpinteiro ou de qualquer outro artesão tem existência, de maravilha estaria falando verdade.

- Sem dúvida, respondeu; pelo menos, de acordo com o modo de pensar dos que se ocupam com essas questões.

- Não é, por conseguinte, de admirar que sua obra se torne obscura em confronto com a verdade.

- Não, realmente.

- E não queres, perguntei, estudar comigo esses casos, para procurarmos o imitador e dizer em que consiste a imitação?

Se isso for do teu agrado, respondeu.

- Assim, tais leitos se nos apresentam sob três formas: uma, que se encontra na natureza, obra, segundo penso, de Deus. De quem mais poderia ser?

- De ninguém, creio.

- Outra, feita pelo carpinteiro.

- Perfeitamente, respondeu.

- E outra mais, a do pintor, não é isso mesmo?

- Que seja.

- Logo, pintor, carpinteiro, Deus: aí temos os três mestres das três espécies de leito.

– Sim, três.

– Deus, por conseguinte, ou fosse por não querer, ou porque alguma necessidade o compelisse a não criar mais do que um leito na natureza, fez este único que é o leito essencial; dois leitos dessa espécie, ou mais de dois, foi o que Deus nunca produziu nem nunca virá a produzir.

– Por quê? perguntou.

– É o seguinte: se ele houvesse feito dois leitos, de pronto surgiria um terceiro, em cuja ideia os dois primeiros teriam de incluir-se, passando este outro a ser o leito essencial, não os dois primeiros.

– Certíssimo, observou.

– Deus tinha perfeita consciência disso, é o que eu penso; desejando ser o verdadeiro criador do verdadeiro leito, não de um determinado leito e, principalmente, por não querer ser carpinteiro, criou a ideia única do leito.

– É evidente.

– Aceitas que o designemos pelo nome de criador ou coisa parecida?

– Fora justo, observou, por haver originalmente criado isso como tudo o mais.

– E o carpinteiro? Dar-lhe-emos o nome de fabricante do leito?

– Sem dúvida.

– Bem; e o pintor, será também obreiro e fabricante desse mesmo objeto?

– De forma alguma.

Então, como designarás sua relação com o leito?

– Quer parecer-me, disse, que a designação mais acertada seria a de imitador daquilo que os outros são os obreiros.

- Que seja, lhe disse. Dás, assim, o nome de imitador ao que produz o que se acha três pontos afastado da natureza.

- Perfeitamente, respondeu.

- Ora, exatamente como ele, encontra-se o poeta trágico, por estar, como imitador, três graus abaixo do rei e da verdade, o que, aliás, se dá com todos os imitadores.

- É possível, respondeu.

- Ora, bem; a respeito do imitador já nos declaramos de acordo; porém quanto ao pintor, responde mais à seguinte pergunta: és de parecer que o que ele se propõe a imitar é aquele conceito único da natureza ou as obras dos artistas?

- As obras dos artistas, respondeu.

- Como realmente são, ou como parecem ser? Terás de esclarecer esse ponto.

- Que queres dizer com isso? perguntou.

- É o seguinte: um leito, quando o contemplas de lado ou de frente, ou como quer que seja, ficará diferente de si mesmo, ou não difere nada, parecendo apenas que difere? E com tudo o mais da mesma forma?

- Isso mesmo, respondeu: parece diferir, porém de fato não difere.

- Considera agora o seguinte: a que fim se propõe o pintor em cada caso particular: imitar as coisas como são em si mesmas, ou sua aparência, o que se lhe afigura? Trata-se de imitação da aparência ou da realidade?

- Da aparência.

- Logo, a arte de imitar está muito afastada da verdade, sendo que por isso mesmo dá a impressão de poder fazer tudo, por só atingir parte mínima de cada coisa, simples simulacro. O pintor, digamos, é capaz de pintar um sapateiro, um carpinteiro ou qualquer outro artesão, sem conhecer absolutamente nada das respectivas profissões. No entanto, se for bom pintor, com o retrato de um carpinteiro, mostrado de longe,

conseguirá enganar pelo menos crianças ou pessoas simples e levá-las a imaginar que se trata de um carpinteiro de verdade.

– Como não?

– Mas a meu ver, amigo, o que devemos pensar dessa gente é o seguinte: quando alguém nos anuncia que encontrou um indivíduo conhecedor de todas as profissões e de tudo o que se pode saber, e isso com a proficiência dos maiores especialistas, seremos levados a suspeitar que falamos com um tipo ingênuo e vítima, sem dúvida, de algum charlatão e imitador, e que se o tomou por sábio universal foi apenas pelo fato de ser incapaz de fazer a distinção entre o conhecimento, a ignorância e a imitação.

– É muito certo, observou.

III – Depois disso, continuei, precisamos estudar os trágicos e seu principal guia, Homero, visto dizer-nos muita gente que eles conhecem todas as artes e todas as coisas humanas em suas relações com a virtude e o vício, e também as divinas. Porque um bom poeta, para desenvolver a contento qualquer assunto terá forçosamente de conhecê-lo a fundo, ou não será poeta coisa nenhuma. O que precisamos, por conseguinte, verificar é se esses tais não se deixaram enganar por imitadores, por não perceberem como suas obras estão distanciadas três graus da realidade, sendo que todas elas são muito fáceis de fazer, por isso mesmo que seus autores não conhecem a verdade. Só criam fantasmas, não o verdadeiro ser; e também se o que dizem tem alguma substância e se os bons poetas conhecem, de fato, as coisas a respeito das quais o povo acha que eles falam bem.

– Perfeitamente, disse; examinemos esse ponto.

– Pois achas mesmo que se alguém fosse capaz de fazer as duas coisas: o objeto a imitar e o seu simulacro, aplicar-se-ia com afinco na confecção de simples imagens, vendo nisso o fim precípua de sua atividade e o que de mais elevado poderia alcançar?

– Acho que não.

- Se possuísse, de fato, o conhecimento daquilo que ele imita, poderia muito mais empenho na criação das próprias coisas do que na sua imitação, e se esforçaria por deixar um mundo de obras maravilhosas, outros tantos monumentos de sua glória, como preferiria ser elogiado, a fazer o elogio do que quer que fosse.

- Sem dúvida, observou; a honra e as vantagens não estão no mesmo nível.

- A respeito de muitas questões, não chamaremos Homero a juízo, nem qualquer outro poeta, para perguntar, por exemplo, se algum deles foi médico, ou apenas imitador da linguagem dos médicos; qual a cura que possa ser atribuída a algum dos poetas antigos ou modernos, como de Asclépio se conhece, ou que discípulo médico nos deixou, como fez o outro com seus descendentes. Acerca das demais artes não os interroguemos; demos-lhe tudo isso de barato. Porém no que concerne aos mais belos e importantes temas a que Homero se abalança: guerra, tática militar, administração de cidades, educação do homem, temos o direito, sem dúvida nenhuma, de procurá-lo para dizer-lhe: Meu caro Homero, se no que respeita à virtude não te encontras, realmente, três graus afastado da verdade e não passas de um mero criador de imagens, o que definimos como imitador, e se, pelo contrário, te achas no segundo grau e és capaz de conhecer que atividades deixam os homens melhores ou piores, tanto na vida pública como na particular, declara-nos que cidade ganhou por teu intermédio uma constituição melhor, como é o caso da Lacedemônia com relação a Licurgo e de muitas outras cidades, grandes ou pequenas, com seus legisladores? Onde está o burgo que se orgulha da ótima legislação que lhe deixaste? Que lucraram contigo seus moradores? A Itália e a Sicília tiveram o seu Carondas; nós outros, Solão. E tu, que cidade te elogia? Achas que ele poderia indicar-nos alguma?

- Acho que não, respondeu Glauco; sobre isso os próprios Homéridas não se manifestam.

- Mas decerto falam de alguma guerra do tempo de Homero que ele dirigiu ou que, por seus conselhos, houvesse terminado com a vitória?

– De nenhuma.

– Ou se referem a ele como a pessoa de grande habilidade e citam invenções engenhosas de sua autoria, no domínio das artes ou de outras atividades, como acontece com Tales de Mileto ou Anacársis da Cítia?

– Sobre isso também ninguém diz nada.

– Porém, se de público Homero não se sobressaiu, sem dúvida no trato particular dirigiu a educação de uns poucos que se compraziam com sua companhia e que, por esse fato, transmitiram à posteridade uma espécie de norma homérica de vida, tal como se conta de Pitágoras, que por essa mesma razão foi altamente estimado, sendo certo que até hoje seus adeptos seguem um regime diferente, que denominam pitagórico e que passa por ser superior a todos os outros?

– A esse respeito também, me falou, nada consta; pois Creófilo, discípulo de Homero, Sócrates, é talvez mais ridículo pela educação do que pelo nome, a ser verdade o que se diz do seu comportamento com relação a Homero. Falam que ele descurou muito do mestre, enquanto o teve em sua companhia.

IV – Sim, dizem isso mesmo. Mas acreditas, Glauco, que se, de fato, Homero fosse capaz de formar homens e deixá-los melhor, não como imitador mas como quem tivesse conhecimento de causa, não congregaria numerosos discípulos, que o teriam amado e reverenciado? Ora! Um Protágoras de Abdera, um Pródico de Céus e tantos outros, no trato particular com seus contemporâneos, conseguiram convencê-los de que todos eles não seriam capazes de administrar nem a casa nem a própria cidade, se não se submetessem ao seu regime pedagógico, e a tal ponto são estimados por sua grande sabedoria, que pouco falta para seus admiradores os carregarem em triunfo por toda parte. E Homero, se, de fato, pudesse tornar os homens mais virtuosos – como também Hesíodo – seus contemporâneos os deixariam vaguear de um lugar para outro como cantores ambulantes, em vez de se agarrarem a eles com mais empenho do que fazem com o ouro e de obrigá-los a morar no meio deles, ou, no caso de não convencê-los nesse sentido, não os teriam acompanhado por toda parte, para se aproveitarem ao máximo de seus ensinamentos?

– Quer parecer-me, Sócrates, que te assiste inteira razão.

– Sendo assim, firmemos desde logo este ponto: todos os poetas, a começar por Homero, não passam de imitadores de simulacros da virtude e de tudo o mais que constitui o objeto de suas composições, sem nunca atingirem a verdade, o que também se dá com o pintor, a que já nos referimos, o qual, sem nada entender da arte de fazer sapatos, é capaz de pintar um sapateiro que lhe pareça bom e a quantos desconheçam essa profissão e só percebam as cores e o desenho.

– Perfeitamente.

– A mesma coisa, creio, podemos afirmar do poeta que com palavras e frases reveste as diferentes artes das cores que lhes são próprias, sem entender nada mais além da imitação. Como consequência, os ouvintes, que apreciam os assuntos apenas pelo efeito das palavras, ficam convencidos de que ele fala com muita propriedade, quer o ouçam discorrer com metro, ritmo e harmonia acerca da arte de fazer sapatos, quer sobre a estratégia militar ou o tema que for, tal o natural fascínio que exerce com seus recursos. Porém, se despirmos as criações dos poetas desse colorido musical e as apresentarmos em expressões comuns, bem sabes, tenho certeza, a que ficam reduzidas.

– Sem dúvida.

– Não é verdade, perguntei, que se parecem com esses rostos jovens, porém sem beleza, quando vistos depois de perdido o frescor original.

– Perfeitamente, respondeu.

– Muito bem; considera agora o seguinte: esse fabricante de simulacros, esse imitador, dizíamos, nada entende do que realmente existe, mas apenas de aparências, não é isso mesmo?

– Certo.

– Não deixemos esse argumento por acabar; examinemo-lo até o fim.

– Podes falar, me disse.

– O pintor, digamos, pode pintar rédeas ou freios?

– Sem dúvida.

– Porém o seleiro e o ferreiro é que são fabricantes desses instrumentos?

– Perfeitamente.

– E saberá porventura o pintor como a rédea e o freio devem ser feitos? Ou nem mesmo o saberão aqueles fabricantes, o ferreiro e o seleiro, senão apenas quem souber usá-los, isto é, o cavaleiro?

– É muito certo.

– E não será também certo afirmar isso mesmo de todas as coisas?

– Como assim?

– É que para cada coisa correspondem três artes: a que se serve delas, a que a fabrica e a que a imita.

– Muito bem.

– Mas, a que tendem as propriedades, a beleza e a perfeição de um móvel ou de um ser vivo ou de qualquer ação, se não for ao uso em vista do qual todos foram feitos, quer o tenham sido pelo homem, quer pela natureza?

– Certo.

– Logo, é de necessidade absoluta que o usuário de cada coisa seja o mais experimentado e mostre ao respectivo fabricante os defeitos ou excelências desse objeto, revelado pelo uso. Assim, o tocador de flauta apresentará ao fabricante de flautas os espécimes que provaram bem na prática, explicando-lhe como deve prepará-las, indicações que o fabricante precisará aceitar.

– Sem dúvida.

– Desse modo, é o perito na matéria quem se manifesta acerca das qualidades e defeitos das flautas, dando-lhe o outro inteiro crédito,

quando se dispõe a fabricá-las.

- Certo.

- Vemos, assim, que a respeito de um mesmo objeto o fabricante só forma opinião verdadeira sobre sua excelência ou seus defeitos por privar com quem sabe e ser obrigado a acatar-lhe a opinião, porém a ciência desse objeto só a possui quem faz uso dele.

- Perfeitamente.

- E o imitador? Adquirirá pela simples prática o conhecimento do que ele pinta, se é belo e está certo, ou formará opinião justa pela convivência forçosa com o entendido na matéria, que lhe daria instruções de como deva proceder?

- Nem uma coisa, nem outra.

- Nesse caso, o imitador não disporá nem do conhecimento, nem da opinião certa com respeito à beleza ou à utilidade daquilo que ele imita?

- Parece que não.

- Quão extraordinária, nesse caso, deve ser a sabedoria do imitador sobre os temas de sua composição!

- Não é das maiores, realmente.

- De qualquer forma, continuará a imitar, muito embora não saiba a razão de ser útil ou imprestável alguma coisa. Ao que tudo indica, o que parece belo às multidões que nada entendem de coisa nenhuma, isso é o que ele imita.

- Nem poderá ser de outra maneira.

- Então, como parece, ficamos mais ou menos de acordo que não é digno de referência o que o imitador conhece daquilo que ele imita, e que a imitação não é coisa séria, mas simples brincadeira, e também que as pessoas que se ocupam com a poesia trágica em versos épicos ou iâmbicos, sem exceção, são imitadores por excelência.

Perfeitamente.